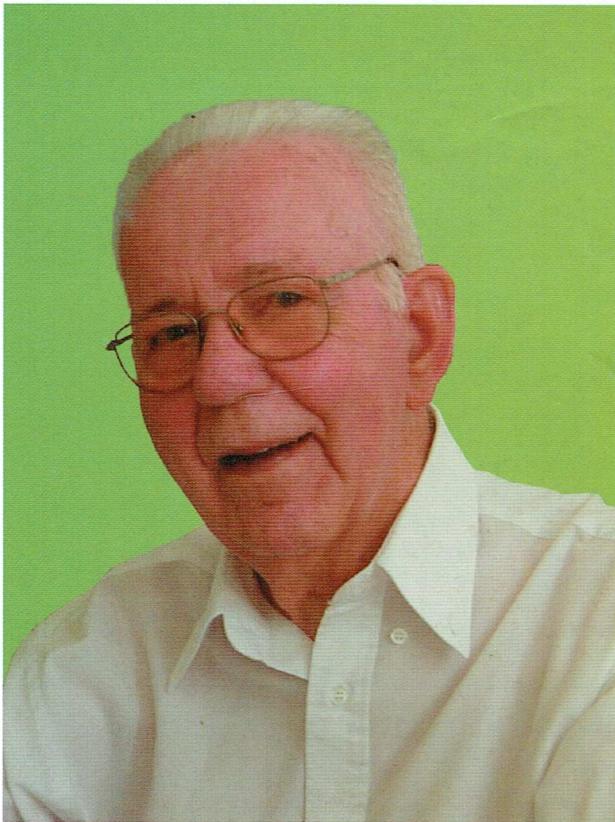




Inspetoria Salesiana São Pio X

Porto Alegre - RS - Brasil

Comunidade Salesiana de Rio Grande, RS



Padre Hugo Neves Ferreira, SDB

★03 de fevereiro de 1914 - Rio Grande - RS

†01 de junho de 2010 - Rio Grande - RS

Padre Hugo Neves Ferreira, SDB

* 3 de fevereiro de 1914

+ 1º de junho de 2010

Através desta carta mortuária, queremos agradecer a Deus pelo dom da vida do Salesiano Padre HUGO NEVES FERREIRA, falecido no dia 1º de junho de 2010, pelas 14 horas, em Rio Grande (RS).

Com sua longa idade de 96 anos, teve neste ano alguns problemas de saúde, com sonolência e falta de apetite. Com o bom acompanhamento de médicos e da enfermeira Cleusa Maraci Neubert Teixeira, melhorou e estava bem comunicativo.

No dia 1º de junho, participou da missa da comunidade salesiana, de manhã bem cedo. Almoçou com o irmão Frederico Dalcanale, já que os três padres da comunidade estavam na reunião mensal do clero e voltaram para casa após o almoço. A enfermeira, ao colocar o Padre Hugo para descansar, depois do almoço, percebeu uma cor diferente no seu rosto e tentou acordá-lo, mas não conseguiu. Foi chamado o pronto atendimento da Unimed, que demorou mais de 45 minutos para chegar. A Cleusa tentou massagem cardíaca, mas, num certo momento, percebeu-se que não havia sinal no seu pulso. Morreu sem dar um gemido. Quando o Samu (serviço de atendimento médico de urgência) chegou, confirmou o óbito. Sua médica e amiga, Dra. Maria Lúcia Domingues, deu o atestado de óbito.

Logo em seguida, os salesianos e os familiares se envolveram nos preparativos para as cerimônias fúnebres e as comunicações aos salesianos e demais familiares e amigos. O corpo foi levado para a igreja-matriz de Nossa Senhora Auxiliadora, e o povo acorreu numeroso para o velório, durante o qual foram celebradas diversas missas.

No dia 2, à tarde, foi celebrada a Missa de corpo presente, presidida pelo Bispo Diocesano de Rio Grande, Dom José Mário Stroher, e concelebrada pelos padres Orestes Carlinhos Fistarol, Inspetor Salesiano, e Asídio Deretti, Vice-inspetor, e demais salesianos e padres diocesanos. A igreja paroquial estava lotada pelos seus familiares e amigos. Após as orações de encomendação e despedida, seu corpo foi levado em procissão até o Cemitério Católico da Santa Casa e sepultado no jazigo dos Salesianos.

DADOS BIOGRÁFICOS

O Padre Hugo Neves Ferreira nasceu no dia 03 de fevereiro de 1914, na Vila da Quinta, distrito de Rio Grande (RS). Segundo diz nos seus diários, foi batizado na “capilla” do Taim, no dia 21 de julho pelo Padre belga Eugênio Tyck, amigo do seu pai.

Entrou como aluno no Liceu Salesiano Leão XIII, em Rio Grande, em 1923, com nove anos. Fez a 1^a Comunhão na antiga capela de madeira do Colégio, no dia 21 de junho de 1923. Contava que, naquela ocasião, se machucou numa brincadeira com um colega e comungou com sua roupa branca manchada de sangue. Em 1927, com apenas treze anos, partiu de navio para Santos (SP), e chegou a Lavrinhas (SP) para fazer o ginásio como aspirante salesiano. Em 1928, no dia 17 de junho, foi crismado pelo bispo salesiano Dom Antônio de Almeida Lustosa.

Durante o ano de 1931, fez o noviciado, ainda em Lavrinhas. Fez sua Profissão Religiosa como Salesiano de Dom Bosco a 28 de janeiro de 1932. No mesmo local, estudou Filosofia, nos anos de 1932 e 1933. Fez o tirocínio prático no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Bagé (RS), nos anos de 1934 a 1936. Assistia os internos, os externos e lecionava.

Completou o ciclo de formação salesiana e sacerdotal no Instituto Teológico Pio XI, no Alto da Lapa, na cidade de São Paulo, de 1937 a 1940. Recebeu a tonsura e as “ordens menores” – ostiário, leitor, exorcista e acólito – em 1938, e o subdiaconato em 1939. Foi ordenado diácono no dia 17 de fevereiro de 1940 e sacerdote a 08 de dezembro de 1940 pela imposição das mãos do sr. Arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar de Affonseca e Silva.

Na véspera de Natal, vindo de Bagé, chega de trem a Rio Grande, sua terra natal, com grandes festejos, em companhia dos padres riograndinos Fausto Santacatarina e João Delsale, ordenados três anos antes.

Começou sua vida de padre salesiano no aspirantado de Lavrinhas (SP): Conselheiro escolar (1941-42), Catequista (1943) e Diretor (1944-49). Foi Diretor do Externato São João de Campinas (SP) de 1950 a 1953. Em Pindamonhangaba (SP), foi Diretor e Mestre de noviços (1954 a 1955). Em seguida foi para Bagé (RS), como Diretor e Pároco (1956 a 1962). Continuou como pároco da Igreja Nossa Senhora Auxiliadora nos anos de 1963 e 1964. Em 1965 voltou a sua cidade natal como Diretor do Liceu Salesiano Leão XIII. Retornou a Bagé em 1966 como vigário paroquial. Em 1967 assumiu a Paróquia São Manoel em Porto Alegre, porque o pároco, Padre Ivo Junkes, estava enfermo. Nos anos 1968-69 esteve novamente em Bagé, na Paróquia São Pedro.

De 1970 a 1973 trabalhou na paróquia Santa Tereza, na periferia de Rio Grande, pedindo licença da Congregação. Morava numa casa pobre e andava de bicicleta. Um dia foi atender a capela da Barra e quase caiu da Ponte dos Franceses. Passou uma parte do ano de 1974 em Brasília, como arquivista e tradutor da Nunciatura Apostólica. Ficou três anos no Rio de Janeiro, ligado à Inspetoria de Belo Horizonte.

Voltou a Rio Grande como cura da Catedral, de junho de 1978 até o final de 1980. No início de 1981 se reintegrou à Inspetoria, na comunidade salesiana de Rio Grande, onde foi vigário paroquial da Auxiliadora e capelão do Hospital Beneficência Portuguesa. Este tempo foi muito fecundo, porque atendia os doentes, auxiliava nas confissões em várias igrejas, foi diretor espiritual do Serra Clube, prestava assistência às Irmãs Carmelitas, fazia as encomendações no cemitério, substituía padres e traduzia documentos pontifícios. Mantinha uma forte ligação com seus familiares, visitando-os frequentemente. Era torcedor do Internacional de Porto Alegre. Envolveu-se muito nas aparições de Nossa Senhora em Medjugorje e em outros locais, e as pregações de Vassula.

A partir de 1981, mantém um diário com o relato das missas, das outras atividades fora e dentro da comunidade, do dinheiro que entrava ou saía, colocava o nome dos doentes que atendia, das crianças que batizava ou aquelas para quem dava a 1ª Comunhão, dos casamentos que abençoava e das visitas que fazia.

No dia em que fez 70 anos (03/02/1984) escreveu assim no seu diário:

*“Hoje! Novo dia! 70 anos!
Graças Vos dou, Senhor, porque eu nasci!
Graças Vos dou, Senhor, pelos pais que me destes!
Graças Vos dou, Senhor, pela família que me destes!
Graças, Vos dou, Senhor, pelos amigos que me destes!
Graças Vos dou pela vocação,
pelo grande dom da vocação sacerdotal e salesiana.
Perdoai-me todas as infidelidades da caminhada e
concedei-me a graça da salvação eterna! “*

PESSOA HUMANA

Padre Hugo era capaz de cultivar grandes amizades. Sabia brincar e apoiava as pessoas que tinham boas propostas para a sociedade e a Igreja. Mas era também muito exigente consigo e com os outros. Quando era pároco da Santa Tereza em Rio Grande, tinha um caderno em que anotava os nomes das crianças que se preparavam para a 1^a Eucaristia com a presença em cada encontro e nas missas. Na parte dos meninos, no dia 19 de junho, só anotou: “dia em que mandei todos para casa”. Os ex-alunos costumavam jogar futebol, no campo do colégio, aos sábados à tarde. Padre Hugo passou e viu um sem camisa. Parou o jogo e chamou a atenção do “descamisado”.

Estudioso e metódico, escrevia muito. Era tradutor requisitado. Traduziu muitos livros para a Editora Salesiana de São Paulo, de modo especial quando o seu amigo Padre Fausto dirigiu a Editora. Quando já passava dos 70 anos se aperfeiçoou no francês, como relata nos seus diários. Era muito simples. Andava a pé, sempre depressa, por toda a cidade.

SALESIANO DE DOM BOSCO

Quando adolescente, deixou seus pais e familiares e embarcou para Lavrinhas, que é um lugar retirado até hoje. Lá fez os estudos de ginásio e científico, o noviciado e o curso filosófico. Por sete anos ficou distante da família. Só conseguiu revê-los quando fez o tirocínio prático em Bagé. Partiu novamente para São Paulo, onde realizou os estudos teológicos. Ordenado sacerdote, foi escolhido para trabalhar em Lavrinhas, que era um dos mais importantes centros de formação salesiana do Brasil. Com 30 anos, foi promovido a Diretor deste centro, e com 40 anos foi feito Mestre dos noviços que queriam ser salesianos. Ficou apenas dois anos como Mestre dos noviços, talvez por ser muito exigente na seleção e no acompanhamento dos futuros salesianos.

Conservou num diário uma carta do Catequista Geral da Congregação, Padre Pedro Tirone, de 1932, em que ele pedia: “Oh, fazei que cesse a grande quantidade de deserções de clérigos apenas saídos do estudantado”.

Em 1956 voltou ao seu Estado, onde desenvolveu o seu apostolado sacerdotal salesiano em Bagé, Rio Grande e Porto Alegre.

Em Bagé, especialmente, destacou-se por seu entusiasmo no ministério sacerdotal. Eram vibrantes seus “sermões”, principalmente no mês de maio e na novena e festa de Nossa Senhora Auxiliadora. Promoveu a campanha para instalar, na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, onde era pároco, o majestoso órgão de tubos, que ainda hoje encanta a quantos o escutam. Conseguiu que Nossa Senhora

Auxiliadora fosse declarada “co-padroeira de Bagé”, juntamente com o padroeiro São Sebastião. Realizou, também, em 1962, a construção da “capela” do altar de Dom Bosco, dentro da própria igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, completando assim o formato de cruz do projeto original da igreja. No ano de 1957, como diretor, teve a alegria de receber e hospedar o Padre Renato Ziggotti, reitor-mor da Congregação Salesiana e 5º sucessor de Dom Bosco, em visita a Bagé e a todas as casas da Congregação.

Depois de passar quatro anos entre Brasília e Rio de Janeiro, voltou a Rio Grande em 1978 e solicitou incardinação na diocese. Foi nomeado cura da Catedral. Em 1981 reintegrou-se à comunidade salesiana, onde viveu até o fim de sua vida.

PADRE

Foi sempre entusiasmado nas celebrações da Eucaristia e dos outros sacramentos. Até que pôde, atendia todos os dias os doentes da Beneficência Portuguesa e em casa. Rezava na igreja Auxiliadora a Missa das 7 horas. Muitas vezes rezava duas e até três Missas por dia, no Asilo e em outras igrejas. Dizem os participantes de suas Missas que o Padre Hugo falava bem, era conciso e se baseava na Palavra de Deus, colocada pela Igreja para aquele momento.

Muito devoto de Nossa Senhora, rezava o terço diariamente. No final da vida acompanhava a récita do mesmo na Canção Nova, do seu ex-noviço Padre Jonas Abib. Padre Hugo é citado na sua biografia.

TEMPO DE RETIRO E SOLIDÃO

Padre Hugo, nos seus diários, fala de problemas de saúde, que quase o levaram à morte. Acordava às duas ou três horas da madrugada e só percebia que tinha levantado cedo demais quando se preparava para a oração comunitária.

Nos últimos anos, foi perdendo a capacidade de se locomover sozinho. Escrevia com letra muito miudinha e, por isto, pedia para a enfermeira ou outra pessoa amiga para escrever o que ele ditava.

Para satisfazer ao seu grande desejo de continuar celebrando a Eucaristia todos os dias, os salesianos colocaram na capela da comunidade uma mesa mais baixa, com uma cadeira confortável, onde ele podia celebrar a Missa sentado. Usava um texto em letras grandes, com as orações e leituras da Missa.

Mais tarde, não conseguia mais se comunicar com a fala. Encontrávamos dificuldade em interpretar o que ele queria dizer. Foi um tempo de muita paciência

da parte dele. Mas não reclamava. É natural que um homem tão dinâmico sentisse a solidão e a incapacidade de exercer o seu ministério sacerdotal. Mas era impressionante o seu “estar de bem com a vida”: mesmo sem poder falar, tinha uma boa memória e respondia sempre com um sorriso, quando o cumprimentávamos pela manhã.

Quando sua saúde o limitou, a comunidade salesiana e sua família organizaram um plano de atendimento dia e noite para ele. Destacou-se a enfermeira Cleusa Maraci Neubert Teixeira, que o acompanhou durante sete anos, levando-o para a igreja e o refeitório, fazendo a sua higiene, lendo para ele as notícias do dia. O Irmão Frederico Dalcanale veio a Rio Grande para acompanhar o Padre Hugo. Outros atendentes passavam a noite com ele. A Doutora Maria Lúcia Domingues o tratou sempre com muito carinho e dedicação.

Quando fez 95 anos, em 03/02/2009, seus familiares fizeram uma linda festa que o comoveu muito. Ele comentou que se orgulhava pela união de sua família. E era notável a grande afeição de todos os seus familiares por ele. Visitavam-no continuamente e se entretevam com ele, mesmo quando já não conseguia mais falar.

TESTEMUNHOS

Do seu sobrinho Ricardo Rodrigues Ferreira:

O tio Hugo, para nós, era um cometa que iluminava tudo com o seu sorriso, suas gargalhadas, seu carisma irresistível, suas brincadeiras e jogos. Era também um andarilho veloz, um mágico, um declamador humorado, um torcedor colorado, um padre tecnológico.

Do Padre Ervin Conzatti, seu ex-noviço:

Tive o P. Hugo como mestre no meu noviciado. Devo dizer que ele era muito admirado pelos noviços. Sempre que podia, estava no nosso meio nas horas do recreio. Tenho uma grata lembrança de como nos acolhia nos colóquios. Quando tínhamos alguma dificuldade, pedia-nos que lêssemos as tentações de Jesus (Mt 4,1-11). No colóquio seguinte, tínhamos que comentar como nos sentíamos. P. Hugo valorizava muito a relação harmoniosa entre os noviços e com os salesianos. Quando sabia de problemas, rezava o Pai Nossa com o noviço e, quando chegava no “perdoai-nos as nossas ofensas”, dizia “Pare, e agora vá encontrar-se com seu colega, depois reze o Pai Nossa até o fim”.

Da Professora Olga Braz Caurio:

Padre Hugo, para mim, foi um salesiano que me deixou grandes lições de humildade, desprendimento, paciência e muita sabedoria. Era um leitor da vida, dos livros e de autores diversos.

Da jovem Cássia Braz Caurio:

P. Hugo fez parte da minha infância, me lembro de muitos momentos que vivi com ele quando era pequena; posso dizer que, apesar de todo o conhecimento que ele tinha, toda a sabedoria, ele era alguém, acima de tudo, muito generoso e extrovertido.

Da jovem Júlia Braz Caurio:

Padre Hugo foi um exemplo de fé e dedicação por aqueles que precisavam dele. Sua vida estava em perfeita harmonia com aquilo que acreditava. Seu coração era doce e alegre.

Da Doutora Maria Lúcia Domingues:

Minha família e eu começamos a frequentar a Capela da Beneficência, por volta de 1999, onde o Padre Hugo era capelão. Na sua maioria os frequentadores eram idosos e doentes; ele iniciava a homilia dizendo “serei breve” e assim o fazia por respeito às condições físicas dos que ali buscavam a bênção de sua palavra amiga.

Aos sábados, rezava no Asilo de pobres para os idosos. Muitas vezes terminava a missa sentado.

Havia, entre o Padre Hugo e minha filha Juliana, portadora de necessidades especiais, uma empatia muito grande. No final da Missa corria para abraçá-lo, chama-va-o de “Vovô Padre Hugo”. Em 2006, o nosso padre quis saber por que a Juju não participava da mesa da comunhão. Respondi que, apesar de já ter 25 anos, seu desenvolvimento intelectual era de uma criança de aproximadamente quatro anos, e que, por isso, não foi possível alfabetizá-la, o que era exigido para a catequese. A resposta veio na forma de um sorriso inesquecível: se me for permitido quero ainda este ano, enquanto tenho forças, ministrar-lhe a Primeira Eucaristia. E este foi o maior presente de Natal que ela recebeu. Em 2006 recebeu, das mãos abençoadas do Padre Hugo, pela primeira vez, o Corpo de Cristo.

Sempre que falava de Nossa Senhora seus olhos brilhavam de maneira especial e sua voz soava doce e com uma admiração imensurável.

Quando o tempo e a saúde frágil nos privaram de suas missas, passei a visitá-lo como amiga e também como profissional. Não posso dizer que tenha sido um prazer tê-lo como paciente, mas, certamente, foi um grande privilégio poder retribuir, com o pouco do que sei, o tanto que ele nos deu nos seus noventa e seis anos de vida até o dia 01/06/2010, quando adormeceu, sem sofrimento físico, no seu quarto, como há dois anos me pedia: “não me leve para o hospital”.

De Luiz Carlos Terra e familiares

Padre Hugo, quando criança, conviveu com meu pai e meu tio. Tivemos um convívio maior nos encontros com a Vassula e os grupos ligados às aparições de Nossa Senhora em Medugorje. Por isto, ele me aconselhou a abrir uma livraria com o nome de Rainha da Paz.

Meus filhos Matheus e Ana Luiza cresceram no convívio com o Padre Hugo. Quando ele esteve muito doente do estômago, convidei-o para vir morar conosco. Mas ele respondeu emocionado: “Meus filhos, eu gostaria muito, mas não deixo meus irmãos de Congregação por nada desse mundo”.

Passando-se os anos, minha filha Ana, aos 15 anos, teve uma arritmia cardíaca muito forte. Após vários exames, ela foi à cirurgia no Instituto do Coração em Porto Alegre. A arritmia baixou de 36.000 extra-sístoles (batidas a mais) para 6.000 por dia. E assim permaneceu, não conseguindo baixar. Após três anos, no velório do Padre Hugo na igreja Auxiliadora, minha esposa Jaqueline pediu, com todo o coração, que o Padre Hugo intercedesse junto a Jesus e Maria pela cura de Ana Luiza. Uma semana depois, ela submeteu-se a mais um exame para monitorar seus batimentos cardíacos e, para alegria nossa, eles estavam normais como de qualquer jovem de 18 anos. Esta foi uma graça alcançada por intercessão do nosso querido Padre Hugo.

CONCLUSÃO

Depois de ler os seus diários e ouvir muitos depoimentos, fiz esta síntese da vida do Padre Hugo Neves Ferreira, sem aprofundar a análise de alguns fatos marcantes de sua vida. Talvez algum seu futuro biógrafo possa fazê-lo.

Concluo esta carta mortuária do nosso irmão salesiano no dia de Nossa Senhora Imaculada, em que ele completaria 70 anos de sacerdócio.

Rio Grande, 08 de dezembro de 2010

P. José Rodolpho Hess - Diretor

Dados para o necrológio

Padre Hugo Neves Ferreira

Nasceu em Rio Grande - RS em 03 de fevereiro de 1914

Faleceu em Rio Grande - RS em 01 de junho de 2010

96 anos de idade

78 anos de Profissão Religiosa

70 anos de Sacerdócio